PREFÁCIO

por Luís Marques Mendes

1. Foi com surpresa que recebi do jornalista Diogo Torres o convite para prefaciar este livro. Afinal, mal conheço o autor. Falámos pessoalmente apenas uma vez, há vários meses, justamente quando ele quis conhecer a minha opinião acerca das relações pessoais e políticas que unem Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa. E, todavia, foi esse encontro único e fugaz que me levou a aceitar o convite. Primeiro, porque fiquei com uma boa opinião do Diogo Torres. Pareceu-me um profissional sério, inteligente e bem preparado. Depois, porque fiquei bem impressionado com a preocupação que o movia de fazer uma investigação correta e aprofundada acerca do percurso que marca as vidas dos atuais Presidente da República e primeiro-ministro.

2. Este livro dá especial enfoque às fortes relações pessoais que existem entre os dois dirigentes maiores do Estado português. E a pergunta que importa fazer é esta: as relações pessoais influenciam as decisões políticas? A minha resposta é: podem influenciar, mas pouco.

Marcelo e António Costa conhecem-se há muitos anos. O segundo, de resto, foi aluno do primeiro. É público e notório que se relacionam pessoalmente bem. Mesmo assim, o Presidente proferiu em outubro do ano passado um discurso violentíssimo que abalou o Governo e provocou a demissão de um ministro. Como há

anos, o Presidente Jorge Sampaio, num gesto duríssimo, obrigou António Guterres a demitir Armando Vara. Apesar de Sampaio e Guterres serem amigos e pertencerem à mesma família política. Ainda recentemente, no tempo da *troika*, o Presidente Cavaco Silva discordou pública e frontalmente de várias decisões do primeiro-ministro Passos Coelho, como os cortes nas pensões ou nos salários da função pública, apesar de pertencerem ao mesmo partido e de a perceção pública ser a de que partilhavam, pessoal e politicamente, uma total e absoluta sintonia.

O que é que estes exemplos, entre muitos outros, nos explicam? Que uma coisa são as relações pessoais, outra são as relações políticas e institucionais. As primeiras podem favorecer uma boa atmosfera de relacionamento. As segundas, essas sim, são as únicas relevantes no momento da decisão.

É assim que deve ser. Cada qual – Presidente da República e primeiro-ministro – tem uma missão a cumprir, um percurso a fazer e um conjunto de competências a exercer. Nenhum deles deve afastar-se do seu círculo de responsabilidades próprias, sob pena de estar a desvirtuar a natureza do seu mandato e a autenticidade dos comandos constitucionais.

Claro que é desejável existir uma boa relação entre os dois órgãos de soberania. O país aprecia o «bloco central institucional», e ambos os protagonistas lucram politicamente com isso. Mas esse desiderato alcança-se por via da política, e não tanto pelo relacionamento pessoal. Esta é, de resto, uma garantia de maioridade política e um testemunho de maturidade democrática. Afinal, o Estado é o Estado. Não pode ser um clube de amigos.

3. Concorde-se ou discorde-se das suas ideias, iniciativas ou decisões, a verdade é que Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa já têm um lugar assegurado na nossa história política contemporânea. O primeiro porque, dotado de um talento político invulgar, está a exercer uma presidência única, inigualável e inimitável, que o país aprecia, os portugueses adoram e a dignidade da função presidencial agradece. O segundo porque, apesar de ter perdido as eleições, não

só conseguiu chegar ao poder e nele manter-se com estabilidade e solidez, como logrou criar uma solução governativa absolutamente inédita nos anais da nossa democracia, realidades que só são possíveis com uma dose de habilidade e perversidade nada despicienda ou irrelevante.

Ambos contribuem para uma salutar coabitação institucional. Cada um à sua maneira. O país regista esse bom exemplo. E este livro comprova-o à saciedade.

NOTA DO AUTOR

A primeira vez que me cruzei com Marcelo Rebelo de Sousa foi nos corredores da TVI. Eu, estagiário; ele, o mais influente comentador da televisão portuguesa. Via-o chegar aos domingos. Cumprimentava todos por quem passava e criava um rebuliço na redação assim que entrava, com um sorriso contagiante. Talvez por inocência, não imaginava sequer que estava perante alguém que viria a ser Presidente da República. Anos mais tarde, já como jornalista da CMTV e do *Correio da Manhã*, lembro-me, em particular, de quando, em plena campanha presidencial, Marcelo foi aos estúdios do canal, para uma grande entrevista em estúdio, e o entrevistei antes de entrar no edifício. Faltavam poucos segundos para entrar em direto quando, acompanhado de dois assessores, Marcelo decidiu parar tudo. «Tenho tempo de ir só à farmácia? Sinto que vem aí uma constipação daquelas.» A ida à farmácia trocou-nos as voltas. Eu, um repórter de imagem, um fotógrafo e os dois assessores esperámos pelas compras de última hora. Mas tudo demorou mais do que o previsto. Isto porque, enquanto escolhia medicamentos, o candidato Marcelo foi abordado por um sem-número de pessoas. Era impossível negar a popularidade. Isso fascinou-me desde o início. E motivou-me a debruçar-me sobre a figura. Sobre o antes, o durante e o depois da chegada a Belém.

Quanto a António Costa, não me lembro da primeira vez que o vi, mas tenho a certeza de que aconteceu enquanto ocupava o cargo

de presidente da Câmara de Lisboa. Mais tarde, acompanhei de perto a luta interna entre Costa e António José Seguro e a campanha para as legislativas. Foi uma fase determinante para a consolidação do meu interesse pelo jornalismo político.

São dois políticos fascinantes, duas figuras que já fazem parte da nossa história, com percursos que se cruzam ao longo das últimas décadas.

Este livro não é uma biografia, nem é uma descrição exaustiva dos caminhos políticos de Marcelo Rebelo de Sousa e de António Costa. Em vez disso, é um conjunto de episódios espaçados no tempo em que as duas figuras se cruzam. Desde os tempos de faculdade, em que se conheceram e contactaram enquanto professor e aluno, passando pelas autárquicas de 1989, em que Marcelo defrontou Jorge Sampaio, cujo diretor de campanha era... António Costa. Dos tempos em que se cruzaram nos corredores do poder, um como líder do PSD e o outro enquanto secretário de Estado e ministro. Das legislativas de 2015 às presidenciais de 2016. Dos bastidores da fase inicial de «lua de mel» aos meandros da hecatombe na relação entre ambos, provocada pela tragédia dos incêndios em 2017.

Nem Marcelo Rebelo de Sousa nem António Costa quiseram colaborar com este trabalho, apesar da minha insistência, mas ambos estão a par do projeto desde o primeiro momento.

O relato que se segue tem por base uma série de entrevistas detalhadas feitas a amigos próximos de cada um dos visados, a confidentes, a colegas e a personalidades, das áreas do jornalismo à economia, que acompanharam os episódios relatados. Alguns quiseram ser citados. Outros preferiram ficar no anonimato. Quanto às conversas privadas descritas neste livro, foram-me relatadas por quem as viveu.

Diogo Torres

PRÓLOGO

– Temos connosco o Presidente mais popular de sempre. O Presidente de todos os portugueses! – gritou o apresentador José Figueiras no palco montado para a festa. – Senhoras e senhores, o professor Marcelo, Presidente de Portugal!

Marcelo Rebelo de Sousa entrou em cena, ao som dos aplausos ensurdecedores de milhares de pessoas, a maioria portugueses e lusodescendentes. A chuva, cada vez mais intensa, não afugentou praticamente ninguém. Todos queriam ver, ao vivo, o novo Presidente da República. Atrás dele, António Costa. As duas figuras do Estado olharam para a multidão que tinham perante eles: inúmeros elementos da comunidade emigrante em França. O primeiro-ministro foi o primeiro a discursar, depois seguiu-se o Chefe do Estado.

– Está a chover, mas eu fico aqui para mostrar que o Presidente não tem medo da chuva – disse Marcelo, sorrindo para a plateia. – Somos grandes, os portugueses, porque nos fizemos sempre contra o vento e contra a chuva. E eu vou manter-me aqui à chuva para verem que o Presidente está convosco – gritou, empolgando os milhares de pessoas que ali se encontravam.

A chuva não parava de cair. E foi precisamente nesse momento que António Costa, hábil na leitura dos acontecimentos, pegou num enorme guarda-chuva com a insígnia «Fidelidade». Enquanto o Presidente falava, uns passos mais à frente, o primeiro-ministro decidiu

abrir o objeto e aproximar-se de Marcelo. Deu alguns passos, de sorriso na cara, e pôs-se ao lado do Presidente. Aí estava um momento que poderia ter sido preparado muito antes, principalmente a pensar nos jornalistas. A imagem que seria mediatizada quase instantaneamente e que ficaria na memória dos portugueses. O primeiro-ministro de chapéu de chuva na mão a proteger o Presidente da República à sua direita. As duas figuras do Estado lado a lado, num momento de proximidade e cortesia. Marcelo sorriu e pegou na deixa.

– Estão a ver o que é a colaboração entre os dois poderes? Reparem que quem tem o guarda-chuva é o primeiro-ministro de esquerda. E quem é apoiado é o Presidente que veio da direita. – O público aplaudiu e os jornalistas riram.

Perante todos estava a súmula daquilo que muitos apelidaram de «lua de mel». Uma relação de cumplicidade e sintonia entre as mais altas figuras do Estado. Ali, debaixo do mesmo chapéu. Era a coabitação entre as instituições a funcionar ao contrário. Ali, era o primeiro-ministro a proteger o Presidente, e não o inverso.

O espetáculo político estava feito. Nunca, como naquele momento, o aluno e o professor dos tempos da Faculdade de Direito tinham mostrado aos portugueses a boa relação que tinham.

Em poucos minutos, chegou a Portugal a imagem de Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa debaixo do mesmo chapéu. Um momento que abriu os telejornais, que fez primeiras páginas dos jornais e que levou a um rol de apreciações de comentadores sobre a boa relação entre o Presidente e o primeiro-ministro.

Mas antes disso, ainda em França, num almoço numa tenda VIP montada a poucos metros do palco, mais uma troca de elogios.

– O aspeto duro da coabitação política em Portugal é falar depois de um primeiro-ministro que é brilhante, pois antecipa todas as mensagens. É um desafio muito duro, mesmo para alguém que foi seu professor, confirmando a teoria de que os alunos ultrapassam sempre os professores – brincou Marcelo.

CAPÍTULO 1

Amor à primeira vista

[1981-1985]

António pegou na pasta preta, entrou na sala de exames e sentou-se numa das primeiras cadeiras que encontrou. Tinha chegado a «hora h». Para trás deixara a cadeira de História das Instituições e agora teria mesmo de submeter-se à segunda fase do exame da cadeira, que era como que uma pedra no sapato. Naquele início de outubro de 1981, o futuro primeiro-ministro, ainda com 20 anos, preparava-se para conhecer aquele que seria o seu melhor amigo: estava sentado precisamente na carteira ao lado. Diogo Lacerda Machado, que também não tinha completado a cadeira, já tinha reparado no jovem António Costa, mas, durante aquela manhã, havia algo que chamava ainda mais a atenção: a pasta preta. Num dos lados tinha um enorme autocolante branco e, no centro, um cravo vermelho.

– Tens uma pasta... revolucionária – brincou Diogo.

António Costa olhou para o colega e riu-se.

– *Socialism for Europe*. É de um congresso da Juventude Socialista europeia – respondeu, sem conseguir controlar o riso.

O convívio terminou assim que foi dada ordem para o início do exame e só alguns dias mais tarde é que voltaram a encontrar-se, num dos corredores da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

– Diogo! Estás bom? – cumprimentou António. – Já te inscreveste?

– No quê?

– Estão aí as inscrições para as subturmas do curso.

– Na verdade, praticamente todos os meus colegas chumbaram este ano. Tu já te inscreveste?

– Sim. Queres que te inscreva na minha? – sorriu António.

E assim nasceu aquela que acabaria por tornar-se na mais importante e sólida das amizades do futuro líder socialista. Seriam precisos mais de 30 anos para que chegasse ao lugar cimeiro do partido que, já na altura, seguia. Mas a veia política estava lá. E o amigo Diogo já tinha reparado nisso. Era visível o gosto que o jovem António Costa tinha pela discussão fervorosa de alguns temas e a apetência que tinha para certas cadeiras, como Direito Constitucional. «Ele enchia a aula e foi um dos poucos a chegar ao 14, numa altura em que essa era, normalmente, a nota mais alta na faculdade», confidencia Diogo Lacerda Machado. As aulas teóricas dessa disciplina eram dadas pelo professor e histórico constitucionalista Jorge Miranda e o monitor das aulas práticas era Isaltino Morais, o futuro presidente da Câmara Municipal de Oeiras. Todos, sem exceção, já tinham reparado no espírito interventivo do aluno, filho de pai comunista e de uma mãe orgulhosamente feminista. Tinham reparado nisso e numa certa vocação para a política.

– Eu quero ser advogado. E tu, António, o que queres ser quando fores crescido? – brincavam os amigos.

– Não faço a menor ideia.

– Mas olha que eu sei aquilo que vais ser – afirmava, com exatidão, o melhor amigo.

Era evidente para todos. Até porque o aluno António já participava na Juventude Socialista e na Associação Académica da Faculdade de Direito. Mais tarde, em 1986, acabaria até por dirigir a *Revista Jurídica* da Associação Académica.

O primeiro encontro

Quando chegou a casa, António já estava atrasado. À espera tinha os melhores amigos: Diogo Lacerda Machado e Francisco Oliveira. Naquela noite de outubro de 1985, os três colegas da Faculdade de

Direito da Universidade de Lisboa jogaram ao Risco durante horas, um vício que tinham adquirido desde o início do curso. Por cima do tabuleiro do jogo clássico de estratégia, uma enorme nuvem de fumo. Cigarros atrás de cigarros, e, entre eles, conversas infindáveis sobre tudo: política, algumas raparigas, as aulas, e até sobre um dos professores.

– Vocês foram aí para umas coisas sem graça nenhuma! – disse António Costa, em tom de provocação.

– Que coisas? – perguntou Francisco.

– Essas Ciências Jurídicas! Isso não tem graça nenhuma. Nem sabem o que perdem das aulas do professor Marcelo.

António tinha acabado de conhecer o mítico professor de Direito. Depois de frequentar três anos do curso, separou-se dos melhores amigos e, no fim do terceiro ano, ingressou na vertente de Ciências Jurídico-Políticas, onde acabou por ser aluno de Marcelo Rebelo de Sousa.

No primeiro dia de aulas, sentou-se e aguardou pela chegada do professor. Assim que Marcelo entrou na sala, António percebeu que, perante ele, tinha alguém bem diferente das figuras austeras dos anos anteriores. De barba e bigode, com sorriso na cara de 36 anos e olhos expressivos, Marcelo deliciava as turmas com a forma próxima com que lidava com os alunos. «As primeiras impressões do António foram de um encantamento absoluto com as aulas. O professor era bem-disposto, contava histórias pessoais e tornava aquele espaço muito agradável», explica Diogo Lacerda Machado.

Em Jurídico-Políticas, ao contrário do que acontecia nas outras aulas, com anfiteatros a abarrotar, havia apenas 25 alunos na sala. E nenhuma tinha o encanto do Direito Constitucional II.

– Vocês não sabem mesmo o que perdem. O professor Marcelo torna aquelas aulas interessantes, participativas, bem-dispostas... – disse António, com entusiasmo, aos amigos.

Marcelo Rebelo de Sousa era, na verdade, um dos pesos-pesados da faculdade. No ano anterior tinha-se tornado, depois de Jorge Miranda, na segunda pessoa a terminar o doutoramento naquela

mesma instituição, onde já tinha sido aluno. A partir de 7 de maio de 1984, dia em que apresentou *Os Partidos Políticos no Sistema Constitucional Português*, a tese de 676 páginas, passou a ser tratado por «professor Marcelo»[1]. E se no tempo de aluno enchia as salas de curiosos que queriam ver as provas orais que prestava, agora como professor, era um dos mais populares de toda a faculdade. Comportava-se de forma diferente dos outros docentes. Pela faculdade já se tinham tornado míticos os famosos jantares de turma, organizados pelo professor desde os anos 70. A ideia era sempre juntar os alunos num momento descontraído. Durante os anos 80, quando António Costa frequentou a faculdade, os jantares aconteceram, sobretudo, na Churrasqueira do Campo Grande, na Real Fábrica no Largo do Rato, na Portugália da Avenida Almirante Reis ou no David da Buraca. No fim, Marcelo acabava por acompanhar os estudantes para as discotecas. Nem sempre acontecia, mas chegou a entrar, algumas vezes, com os alunos no Plateau e no Kremlin[2]. O professor era mais próximo dos jovens, mais aberto ao diálogo e cultivava uma certa excentricidade, que arrancava sorrisos aos rapazes e às raparigas.

– O único problema é que ele fala a uma velocidade de tal maneira rápida que se torna difícil tirar notas – desabafou António.

Em pouco tempo, o professor conseguiu conquistar o aluno. E também não foi preciso muito para que António voltasse a dar nas vistas. De tal maneira que, mais tarde, na cadeira de Direito Público Comparado, Marcelo chegou a atribuir um 17 a António Costa. Uma nota raramente vista, naquela altura, nas pautas da Universidade de Lisboa. «Era muito bom aluno, acima da média. Um aluno muito rápido, daqueles que toca de ouvido», elogia o próprio Marcelo Rebelo de Sousa[3].

[1, 2] MATOS, Vítor; *Marcelo Rebelo de Sousa*, A Esfera dos Livros. 2012.

[3] FERRÃO, Bernardo, e FIGUEIREDO, Cristina; *Quem Disse Que Era Fácil?*; Livros d'Hoje. 2015.

A Comissão de Finalistas

No quinto ano de Direito, António Costa foi eleito para a Comissão de Finalistas. Era um dos três estudantes escolhidos para representar os alunos na organização das festividades do curso. Ele, pela menção de Jurídico-Políticas, o amigo Diogo Lacerda Machado, por Ciências Jurídicas e, pelas Jurídico-Económicas, Jorge Costa Santos, mais tarde diretor jurídico da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários. Durante vários meses, os três colegas juntaram-se para organizar, entre outras coisas, a viagem de finalistas. E tendo em conta a responsabilidade do cargo, teriam de reunir-se várias vezes com o presidente do Conselho Diretivo da Faculdade: nada mais, nada menos que Marcelo Rebelo de Sousa. Era a ele que tinham de pedir autorização para quase tudo. Para os jantares, para as festas e para os eventos de angariação de fundos para a viagem.

Antes de cada reunião, juntavam-se sempre os três. Batiam à porta e aguardavam. Assim que entravam na sala, encontravam um sorriso.

– Então, o que é que vocês precisam desta vez?

O professor falava com cada um dos alunos, mas era evidente que dava sempre mais atenção a um deles. Percebia-se perfeitamente que entre Marcelo e António havia uma química extraordinária. Era como se o professor se esquecesse de que, na sala, estavam mais duas pessoas. «Havia uma simpatia natural entre eles. Comigo, por exemplo, a relação era distante e, quanto ao Jorge Costa Santos, que até era o mais brilhante dos estudantes, nem sei se tinha sido aluno de Marcelo. Por isso, o António era o rapaz que facilitava o diálogo, devido a esse relacionamento muito vivo e simpático», lembra Diogo Lacerda Machado.

Para angariar fundos para a viagem de curso, Marcelo e os três alunos combinaram que a Comissão de Finalistas iria «invadir» um jantar de antigos alunos da Faculdade de Direito. Os três amigos entraram no local com um caixote nas mãos e, conforme o exibiram, pediram dinheiro para a viagem. O problema é que nenhum dos três queria falar perante a plateia de antigos alunos de Direito. António

e Jorge deram um passo atrás. Sobrou Diogo. Teve de ser ele a convencer os presentes a contribuir com algum dinheiro, mas estes só o fariam com uma condição: se os três jovens estudantes pegassem numa cadeira e se juntassem ao jantar. Aceitaram e, de repente, quando olhou para o lado, Diogo já não encontrou António. Assim que conseguira, o amigo fugira do jantar, dizendo que tinha atividades inadiáveis da Juventude Socialista. Até hoje, nenhum dos restantes colegas acreditou nas palavras do aluno preferido de Marcelo Rebelo de Sousa.

«Pode passar o aluno?»

Pedro Soares Martínez. O nome fazia tremer alguns alunos. Havia até quem se escondesse quando via o austero professor caminhar pelos corredores da Faculdade de Direito. O «terror daquela casa», como alguns ainda o apelidam, tinha sido ministro da Saúde de António de Oliveira Salazar. Há quem diga que foi saneado da faculdade durante o «verão quente» de 1975 e que essa experiência o tinha marcado de tal forma que, nos anos 80, diminuía os alunos nos anfiteatros.

Em setembro de 1985, a pouco tempo de concluir o curso, António Costa teve de confrontar-se com aquilo que tinha ignorado até então: História Diplomática. A cadeira nem era das mais complexas. Certamente não era comparável à «pouco interessante disciplina de Direito Comercial», mas tinha ficado teimosamente para trás, talvez por ser ministrada pelo temido Soares Martínez. A juntar a isso, uma inesquecível e humilhante prova oral que o professor tinha avaliado ao amigo Jorge Costa Santos no auditório 5 da faculdade. A tensão desse dia tinha ficado na memória de António, que assistira à prova que todos consideraram brilhante. Mas, no final, o professor olhou para Jorge e perguntou, com voz grave:

– Muito bem, ó senhor aluno, é capaz de dizer de que cor era a capa do livro verde d'el-rei D. Sebastião?

–... O quê, senhor professor?

– A capa do livro verde, senhor aluno.

A respiração de quem assistia à prova parou por instantes.

– Seria verde, senhor professor? – respondeu Jorge Costa Santos.

– Não, senhor aluno. A capa do livro verde d'el-rei D. Sebastião era de couro. Devia ter lido a nota de rodapé do manual sobre esse assunto.

Aquelas palavras rígidas ecoavam na memória de António Costa e o problema da cadeira que tinha ficado para trás já tinha sido comunicado ao professor Marcelo. Entre alguns dos antigos colegas de António, corre ainda o rumor de que terá sido precisamente o professor preferido dos alunos a decidir meter as mãos na massa e dirigir-se a Soares Martínez. Segundo Leite Alves, colega de curso de Costa, Marcelo interveio junto do temido professor e conseguiu convencê-lo a passar o aluno para que, assim, pudesse concluir o curso de Direito[4]. Entre os antigos alunos ainda corre o rumor de que, sem essa interferência de Marcelo, António não teria conseguido terminar os estudos naquele ano.

Com ou sem essa intervenção, o que é certo é que acabou por licenciar-se com brilhantismo, com média final de 15 valores. Nota que o colocou na segunda posição dos melhores alunos do ano, logo atrás da colega Luísa Duarte, que conseguiu um valor acima. Depois de concluir a licenciatura em Ciências Jurídico-Políticas, António Costa seguiu para uma pós-graduação em Estudos Europeus na Universidade Católica Portuguesa e casou-se com Fernanda Tadeu, a paixão de toda a faculdade, que até o levou a fugir, com os amigos, de um antigo pretendente da agora mulher, tentando escapar apressadamente a uma briga com o «gajo», como lhe chamavam, pelas Avenidas Novas.

[4] FERRÃO, Bernardo, e FIGUEIREDO, Cristina; *Quem Disse Que Era Fácil?*; Livros d'Hoje. 2015.

CAPÍTULO 2

Frente a frente em Lisboa

[1989]

Os cartazes começaram a ser pintados ainda durante a madrugada. Quando, em Lisboa, amanheceu, as alterações já estavam à vista de todos. Nos placares onde antes era possível ler o nome «Marcelo», agora havia duas letras que o antecediam: «TV».

O professor não queria acreditar no que estava a ver: «TV Marcelo». Letras vermelhas sobre um fundo branco. Uma brincadeira que pretendia adulterar os cartazes da campanha de Marcelo Rebelo de Sousa para a Câmara de Lisboa, em 1989. Ao mesmo tempo fazia publicidade a uma conhecida empresa de reparação de televisores. Precisamente, a TV Marcelo.

Ainda por cima, a tão pouco tempo do desfecho das eleições. Uns dias depois deste episódio, Marcelo iria disputar a mais decisiva das autarquias do país e, segundo aquilo que transmitiu a alguns dos amigos mais próximos, pensou imediatamente que o responsável pelos cartazes seria António Costa.

Costa estava, de facto, do outro lado da luta. O antigo aluno de Marcelo, na altura com 28 anos, apoiava o seu principal rival, Jorge Sampaio. Mas mais do que isso, era o seu diretor de campanha para as eleições autárquicas. Talvez por isso, Marcelo acredite, ainda hoje, que Costa esteve por trás dos cartazes adulterados que parodiavam o candidato social-democrata, fazendo uma referência exagerada àquilo que Marcelo tinha mostrado aos lisboetas:

que era um candidato rendido ao poder mediático, consideravam os rivais.

Um mergulho para os *media*

Marcelo foi, numa primeira fase, desafiado pelo colega e constitucionalista Jorge Miranda[1] (um outro antigo professor de António Costa na Faculdade de Direito) a ser candidato à Câmara de Lisboa. Tinha, na altura, 40 anos e fazia parte do Conselho Diretivo da Faculdade. Mais tarde, voltou a ser instado pelo presidente da distrital de Lisboa do PSD, António Pinto Leite. E a ideia agradou a Cavaco Silva, na altura primeiro-ministro. Marcelo ainda ponderou, mas, de facto, faltava-lhe política. O trabalho na faculdade e os pareceres jurídicos que dava não eram suficientes. No dia 7 de julho de 1989, anunciou formalmente a candidatura à Câmara de Lisboa, numa pequena cerimónia no Castelo de São Jorge.

A viver na antiga casa dos pais, na Rua de São Bernardo, para onde se tinha mudado há pouco tempo, foi com ligeira surpresa que assistiu às primeiras sondagens. Os estudos davam-lhe apenas 25% da intenção de voto dos lisboetas, contra 80% do socialista Jorge Sampaio, o então líder do PS. «A minha taxa de notoriedade era dramática. O Governo de Cavaco Silva estava em má forma e foram precisas várias ações de campanha espetaculares para chamar a atenção dos lisboetas», revelou, recentemente, Marcelo ao *Observador*.

«Temos de agir», pensou. E a ação passou por tornar o candidato o mais mediático possível. Mas como? Juntamente com o jornalista Joaquim Letria ou o cineasta Jorge Alves da Silva, debateu-se, durante horas, várias estratégias. A conversa, na casa dos seus pais, na Rua de São Bernardo, desembocou numa ideia simples e que se revelaria muito eficaz: um mergulho no rio Tejo. Os três estrategas tinham, na memória, o salto numa piscina do Presidente dos Estados Unidos,

[1] MATOS, Vítor; *Marcelo Rebelo de Sousa*, A Esfera dos Livros. 2012.

Ronald Reagan. E porquê a ideia de um mergulho? Todos conheciam a paixão de Marcelo pela natação. Só mudava o local. Em vez de nadar em Cascais, onde vivia antes de mudar-se para Lisboa, a natação seria no rio. E a justificação?

– A poluição no Tejo – disse um dos homens presentes na reunião.

Em 1989, o rio era um dos mais poluídos da Europa, recebendo os esgotos de toda a cidade, sem qualquer tratamento.

– É uma forma de chamar a atenção dos ecologistas – alguém respondeu.

–... E da imprensa – disse Marcelo.

Uma semana antes do mergulho, Marcelo, conhecido por ser hipocondríaco, marcou uma consulta de emergência com o seu médico. Não conseguia parar de pensar nas doenças que poderia contrair assim que ficasse submerso nas águas sujas do Tejo. Com o tempo a apertar, só teve hipótese de fazer a primeira toma da vacina contra a hepatite B, em vez das três que são necessárias.

O mergulho, que se tornaria famoso, aconteceu no dia 31 de maio. Naquela manhã, o social-democrata foi ao roupeiro e pôs de parte uns calções brancos com riscas verdes e uns sapatos de borracha. Aqueles que, de todos os que tinha, lhe pareciam mais apropriados para a aventura que aí vinha. Deslocou-se, depois, até à zona ribeirinha e colocou-se a bordo de um cacilheiro alugado, cuja viagem custou cerca de 200 contos.

Conforme iniciou a viagem, viu que, na margem do Tejo, já estavam vários órgãos de comunicação. Todos eles expectantes. Para contrariar uma lei de 1919 que proibia banhos no rio, saiu do cacilheiro da Transtejo e subiu para um bote. Contou até três, inspirou, tapou o nariz e atirou-se ao rio.

A bordo do cacilheiro continuavam alguns apoiantes, que começaram a ficar preocupados porque o candidato não vinha à tona por nada. Uns segundos depois, Marcelo apareceu à superfície e começou a nadar. Mais tarde, viria a confessar que o trajeto foi dificílimo, por causa das correntes e porque, ao contrário do que foi veiculado na imprensa, estava a mais de 60 metros de terra.

– Armado com vacinas várias e com uma coragem certa, o candidato lançou-se às águas do Tejo por alturas do sítio em que o rio banha a Câmara Municipal de Lisboa. Foi o mergulho de Marcelo – disse, nessa noite, o pivô do *Telejornal* da RTP.

A imagem do candidato social-democrata a saltar do bote e as primeiras declarações à saída do rio entraram pela casa dos portugueses dentro.

– Este meu gesto simbólico significa o reencontro dos lisboetas com o Tejo... – começou por dizer Marcelo, ainda ofegante, em tronco nu e de mãos na cintura. –... E também o compromisso de que, daqui por quatro anos, eles não precisarão de fazer a vacina... tomar as vacinas que eu tive de tomar para poderem nadar no Tejo.

A verdade é que, mais tarde, quando fez análises, Marcelo ficou a saber que tinha sido infetado pela hepatite B, mesmo após a primeira toma, uma semana antes do mergulho mediático.

Bem longe de Lisboa estava Jorge Sampaio. O rival e líder nas sondagens passeava pela Disneyworld, na Florida, e a resposta foi dada a partir dos Estados Unidos da América. «As fantochadas não me preocupam.» E, na verdade, não o preocupavam. Tanto ele como o diretor de campanha, António Costa, estavam confiantes na vitória. Por um lado, tinham o objetivo de mostrar aos portugueses que Sampaio era a pessoa mais indicada para o cargo e, por outro, tinham um especial gosto em descredibilizar o candidato da direita. Os dois entendiam-se na perfeição. Costa tinha sido estagiário da sociedade de advogados de Sampaio. Em 1985, já com o curso de Direito concluído, o jovem socialista foi bater à porta do escritório, onde trabalhou durante cerca de três anos[2].

Nos anos que se seguiram, António Costa e Jorge Sampaio estiveram juntos em muitas circunstâncias e fizeram parte das mesmas reuniões secretas no sótão da casa de Algés de António

[2] FERRÃO, Bernardo, e FIGUEIREDO, Cristina; *Quem Disse Que Era Fácil?*; Livros d'Hoje. 2015.

Guterres. Nos encontros estavam figuras como Vítor Constâncio, Salgado Zenha e Jaime Gama e, durante a noite, conspiravam contra Mário Soares.

Aos 28 anos, Costa fazia parte do Secretariado Nacional do Partido Socialista e conseguiu convencer o líder, Jorge Sampaio, a candidatar-se à capital, depois de este ter levado várias negas. Por exemplo, do arquiteto Nuno Portas, antigo companheiro de Helena Sacadura Cabral e pai de Paulo e Miguel Portas. Num dos dias decisivos para a escolha do candidato a Lisboa, Costa visitou Sampaio na sua casa, na Rua Rodrigo da Fonseca, e conseguiu convencê-lo a ir à luta, ao mesmo tempo que negociou apoios à esquerda com o PCP, MDP/CDE e PEV.

Jorge Sampaio entrou na corrida com outro passo. Sabia que, ao contrário do rival, que tinha colhido o apoio do CDS, respirava calma e experiência política. Não queria entrar nas extravagâncias mediáticas de Marcelo. Tinha debatido isso mesmo com o seu diretor de campanha. António Costa, conhecedor da postura descontraída e simpática do antigo professor, tinha aconselhado Sampaio a ir por outro caminho. Deveria adotar uma atitude mais madura. Mostrar aos lisboetas que era conhecedor dos dossiês mais importantes da autarquia. Não devia entrar nos espetáculos mediáticos do outro candidato. Mesmo que esses espetáculos merecessem um sorriso. Jorge Sampaio concordou. Preferiu fechar-se em casa, estudar os dossiês e apresentar ideias. E a estratégia deu resultados. Foi assim no debate televisivo na RTP. Um momento visto como decisivo para o resultado das eleições.

Debate na RTP

Marcelo Rebelo de Sousa chegou nervoso aos estúdios da RTP[3]. Além de estar expectante com o frente-a-frente com Sampaio, alguém

[3] MATOS, Vítor; *Marcelo Rebelo de Sousa*, A Esfera dos Livros. 2012.

bem rodado no debate político na Assembleia da República, estava fisicamente abatido. Com ar febril e ainda com sequelas de uma gripe mal curada, Marcelo preferiu não tomar medicação e sentou-se na mesa do debate com vontade de mostrar um novo «eu». Queria deixar de lado a postura jovem e irreverente que tinha construído durante a campanha, tal como alguns amigos lhe tinham dito. Preferia dar um ar mais sereno e adulto, de forma a ganhar vantagem sobre o rival.

A *régie* deu ordens a Mário Crespo. O jornalista abriu as hostilidades e ofereceu a palavra a Marcelo, a quem tinha calhado, por sorteio, o início do debate. E, para contrariar os objetivos do social-democrata, Crespo começou por perguntar-lhe sobre o mergulho no Tejo.

Não era exatamente a pergunta que ele queria ouvir.

– Sou uma pessoa ambiciosa, não o nego, já geri um ministério, já fui secretário de Estado, fundei dois jornais e dirijo uma faculdade com seis mil alunos – disse Marcelo, com os olhos cansados e febris.

Minutos depois, Mário Crespo passou a palavra a Jorge Sampaio. Com uma postura serena, de estadista, o líder socialista pensou na estratégia que tinha sido definida com Costa. Olhou para o rival e disse:

– Eu não ando a brincar com Lisboa e com os lisboetas. Não assumiria esta responsabilidade se estivesse a brincar, não estou a brincar com um milhão de pessoas.

Jorge Sampaio tinha acabado de dar a primeira golpada. Com apenas duas frases, tinha conseguido descredibilizar os vários momentos mediáticos da campanha eleitoral de Marcelo. Não só o mergulho no Tejo, mas todo o rol de situações caricatas que o professor de Direito tinha protagonizado para os jornalistas. Em poucos meses, Marcelo decidira pôr as mãos no volante de um táxi e guiar pelas ruas da cidade (pelo caminho, apanhou uma mulher em trabalho de parto). Noutro momento digno de filme, vestiu o papel de um cantoneiro e passou uma noite a recolher o lixo de várias ruas de Lisboa. Decidiu, também, limpar a estátua do poeta Chiado, no centro da cidade, e dar uma rosa a cada lisboeta que viu passar num dos

dias de campanha. Ideia que, posta em prática, o levou a gastar cerca de quatro mil contos do próprio bolso[4]. De tudo aquilo que tinha sido decidido no *brainstorm* com Jorge Alves da Silva e Joaquim Letria, apenas uma coisa não tinha acontecido: um salto de asa delta a partir do Cristo Rei.

– O Rebelo de Sousa é um rapaz divertido... e digo isto com toda a simpatia – disse Sampaio, no debate.

Ao longo de 1h26, o líder socialista conseguiu pegar em tudo isto e dar, aos lisboetas, a noção de que Marcelo não era o homem indicado para ocupar o lugar de presidente da câmara. E, ainda hoje, o debate é visto como decisivo para o resultado final das autárquicas.

No domingo de eleições, a 17 de dezembro, Marcelo já estava praticamente convencido de que iria perder. Por não estar recenseado em Lisboa, não pôde votar nele próprio e viu-se obrigado a conduzir até Cascais para colocar a cruz noutro candidato, de outra autarquia.

À noite, o resultado não deixou margem para dúvidas: Jorge Sampaio venceu a Câmara de Lisboa com 49% dos votos. Marcelo Rebelo de Sousa ficou sete pontos atrás.

Ainda hoje, o professor atribui ao diretor de campanha do adversário a autoria de algumas das «maldades» que lhe foram feitas e que poderão ter ajudado a prejudicar a campanha eleitoral. «O próprio Marcelo conta que o António Costa lhe fez várias partidas, como a dos cartazes. Acredita que ele o tentou descredibilizar como candidato à câmara. Foi um período, de certa forma, tenso. Marcelo não apreciou aquele confronto. Mas isso não afetou a relação entre eles», diz Luís Marques Mendes.

O que é certo é que, quatro anos mais tarde, o próprio António Costa deixou-se seduzir pelas estratégias mediáticas utilizadas pelo antigo professor. E, concorrendo à Câmara de Loures, nas autárquicas de 1993, decidiu protagonizar um momento caricato. Com um

[4] VILELA, Joana Stichini, e FERNANDES, Pedro; *LX, 80*; Dom Quixote; 2016.

casaco verde e uma gravata com as cores da bandeira de Portugal, Costa deu o sinal da partida a um *Ferrari* vermelho de 300 cavalos e a um burro montado por um jovem. A meta era Lisboa e o percurso os dois quilómetros e meio da Calçada de Carriche. Com jornalistas em peso, o candidato a Loures criou um momento marcante que teve o objetivo de mostrar a necessidade de estender o metropolitano até Odivelas, como alternativa ao trânsito caótico naquela entrada para a cidade. O burro chegou primeiro e o PS quase conseguiu tirar Loures aos comunistas. Mas, com 33,35% dos votos, Costa ficou em segundo lugar, com uma diferença de apenas dois mil votos do PCP, que alcançou 34,64%. O legado do professor tinha sido deixado para o aluno.